

TRANSIÇÕES NA CONTINUIDADE

A CERÂMICA ISLÂMICA DO CASTELO DE PALMELA COMO ELEMENTO IDENTIFICADOR DE TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

JOÃO GONÇALVES ARAÚJO Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais de Humanas, araujo.jng@gmail.com

RESUMO O castelo de Palmela desempenhou, ao longo de séculos, um papel fundamental na organização do território da península da Arrábida. Edificada ainda no século VIII, esta fortaleza testemunhou mais de quatro séculos de ocupação islâmica, realidade que se reflete na complexidade arqueológica do sítio.

O estudo dos materiais da galeria 5 do castelo permitiu a identificação de vários momentos de transformação cultural, quer na transição do período tardo-romano para o islâmico e, posteriormente, do período islâmico para o medieval cristão, quer ao longo da própria ocupação islâmica do sítio, refletindo as várias vicissitudes políticas que se fizeram sentir no *Gharb al-Andalus*. Iguamente relevante é a identificação da territorialização desses fenómenos de mudança cultural. O castelo de Palmela constituiu a cabeça de um vasto território que, em articulação com outros dispositivos militares, garantiu o controlo da península da Arrábida. O estudo dos materiais cerâmicos possibilitou, ainda, a identificação de importantes paralelos culturais não só com os povoados rurais nas áreas adjacentes, mas também em vários sítios e cidades dos vales do Tejo e do Sado, permitindo vislumbrar fenómenos de intensa interação cultural, económica, política e social.

PALAVRAS CHAVE Castelo de Palmela, vales do Tejo e do Sado, cerâmica islâmica, transformações culturais, território

ABSTRACT Palmela's castle played over time a key role in the territorial organization of Arrábida's peninsula. Built in the 8th century, this fortress witnessed over four centuries of Islamic occupation, a reality that is reflected in the archaeological complexity of the site.

The study of the castle's gallery 5 ceramics allowed the identification of several moments of cultural change: in the transition from late Roman to the Islamic period, from the Islamic to the medieval Christian times, but also along the Islamic occupation of the site itself, reflecting the various political events occurred on *Gharb al-Andalus*.

Equally important is the identification of the territorialisation of these phenomena of cultural change. Palmela's castle was the head of a vast territory that, in relation with other military elements, guaranteed the control of the Arrábida's peninsula. The ceramics study allowed the identification of important cultural parallels not only to rural sites in the surrounding areas, but also in various places and cities in the Tagus and Sado valleys, allowing a glimpse to phenomena of intense cultural, economic, political and social interaction.

KEYWORDS Palmela's castle, Tejo and Sado valleys, Islamic pottery, cultural changes, territory

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base o estudo do conjunto de cerâmica proveniente dos estratos de época islâmica da galeria 5 do castelo de Palmela, que deu origem à dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulada: *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5* (Araújo, 2013).

O castelo de Palmela é, no seio da arqueologia islâmica portuguesa, um caso reconhecido pelo valor das investigações que lá foram desenvolvidas. Os trabalhos de Isabel Cristina Fernandes permitiram a identificação de uma grande variedade de formas cerâmicas, marcadas por uma acentuada diversidade tipológica.

Os trabalhos na galeria 5 revelaram uma sequência estratigráfica com um grau de fiabilidade elevado, o que aliado a um conjunto cerâmico muito significativo e diverso, permitiu a atribuição de coordenadas cronológicas e tipológicas, de um modo geral precisas, às várias formas cerâmicas identificadas, facto esse que permitiu a identificação de fenómenos de continuidade e/ou mudança cultural.

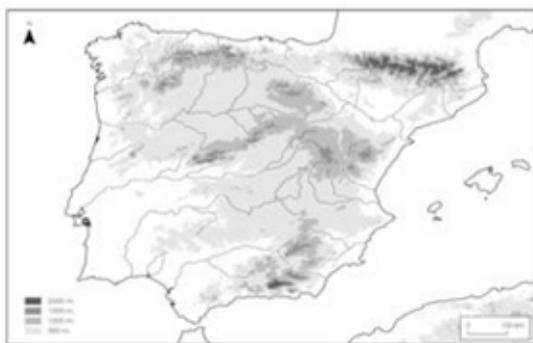
Pretende-se, justamente, com este artigo destacar os momentos de transformação cultural identificados a partir da evolução tipológica das principais formas cerâmicas e relacioná-los com os principais momentos históricos conhecidos da ocupação do espaço, por parte dos poderes islâmicos, nos vales do Tejo e do Sado e da consolidação e territorialização dessa mesma ocupação.

ENQUADRAMENTO(S) GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E ADMINISTRATIVO EM ÉPOCA ISLÂMICA

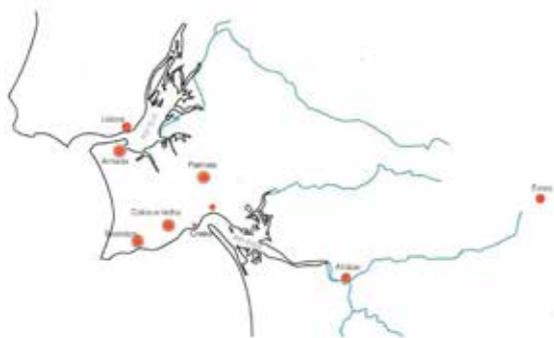
O castelo de Palmela localiza-se na península da Arrábida, na costa ocidental portuguesa, numa posição intermédia entre os estuários do Tejo e do Sado. A posição extrema na cordilheira onde se insere e o facto de se elevar abruptamente na vasta planície que o rodeia, faz com que o morro do castelo se torne num elemento de grande relevância orográfica (Ribeiro, 2004, p. 49), conferindo-lhe excelentes condições de defesa e um amplo domínio visual. Estas boas condições aliadas à abundância de recursos naturais atraíram, desde sempre, comunidades humanas à região de Palmela (Fernandes, 2004, p. 46).

A partir do Baixo Império verifica-se uma importante alteração nas lógicas de povoamento, materializando-se numa nova organização territorial, adaptada às novas preocupações defensivas, situação que se mantém ao longo de todo o período islâmico (Fernandes e Carvalho, 1999, p. 517). Neste período, Palmela fazia parte do termo de Lisboa, assumindo a posição de fronteira a Sul (Coelho, 1972, p. 40-41).

A importante rede viária de origem romana, onde se cruzavam as várias vias terrestres, e o amplo domínio visual que se obtém a partir do castelo contribuíram para que Palmela se assumisse como um elemento chave na articulação da complexa rede de sistemas de defesa, terrestre e costeira, da península da Arrábida (Fernandes, 2004, p. 43).



1. Localização de Palmela na Península Ibérica (<http://tp.revistas.csic.es>).



2. Localização dos principais castelos e sítios fortificados da península da Arrábida e de outros sítios islâmicos (Fernandes, 2004, p. 47).

METODOLOGIA(S)

Dada a natureza do conjunto, com um domínio absoluto da cerâmica comum, sentiu-se a necessidade de definir pormenorizadamente os diversos fabricos cerâmicos identificados. Os fabricos I, II, III e IV consistem em produções de cerâmica comum de origem local/regional. São pastas não calcárias, com tonalidades que variam entre o castanho muito escuro e o laranja claro, com elementos não plásticos de pequena e média dimensão, quase sempre quartzos e micas. Interessa individualizar, aqui, o fabrico I, por ser mais o grosseiro e mais comum nos níveis mais antigos, produzido a torno lento e apresentando cozeduras redutoras; o fabrico III, por apresentar pastas muito porosas, utilizadas em formas de armazenamento e transporte; e o fabrico IV, por consistir num fabrico fino de cerâmica comum, aplicado, sobretudo, na louça de mesa (Araújo, 2013, p. 21-24).

Os fabricos V, VI, VII, VIII e IX consistem em produções finas, de origem exógena. São pastas calcárias, com tonalidades que variam entre o cinzento claro rosado e o branco sujo, passando pelo bege e rosado, com elementos não plásticos de pequena e média dimensão, quase sempre quartzos, micas e nódulos de ferro. Interessa individualizar aqui o fabrico VIII, que consiste nas produções de corda-seca total; e o fabrico IX, que se trata de um fabrico residual e que poderá, eventualmente, corresponder a produções de verde e manganhês (Araújo, 2013, p. 24-27).

Para a classificação formal foram seguidas, por um lado, as propostas mais tradicionais de Guillermo Rosselló-Bordoy (1978) e de André Bazzana (1979), e por outro a proposta do grupo CIGA (Bugalhão *et al*, 2009), mais recente e mais próxima da realidade aqui tratada. A descrição geral das formas baseou-se, além das obras supracitadas, na de Helena Catarino para as formas do Alto Algarve Oriental (Catarino, 1997/1998). Para os aspetos terminológicos seguiram-se as propostas de Cláudio Torres, Susana Gómez Martínez e Manuela Barros Ferreira (Torres, Gómez e Ferreira, 2003), para os termos em português, e a proposta de Guillermo Rosselló-Bordoy (1991), para os equivalentes em árabe.

A classificação tipológica baseou-se, em grande medida, nas propostas de Isabel Cristina Fernandes para os materiais estudados do castelo de Palmela (Fernandes, 2004) numa fase inicial, a partir do qual se desenvolveu um novo esquema formal e tipológico, adaptado aos novos dados, mas sempre em correspondência direta com os dados anteriores (Araújo, 2013).

AS FASES DE OCUPAÇÃO: OS DADOS ESTRATIGRÁFICOS

Por forma a garantir uma leitura clara dos vários momentos de ocupação do sítio em época islâmica, procurou-se aferir a cronologia de cada U.E. (Unidade Estratigráfica) o mais pormenorizadamente possível e assim agrupá-las de acordo com as principais fases de ocupação islâmica do território. Desta forma, definiram-se quatro grandes fases: o período emiral, o período califal, o período dos reinos Taifas e o período

final da ocupação islâmica. Esta última fase foi a de definição mais complexa dado que a partir de 1147 e até ao final do século XII, a ocupação do sítio oscilou entre os poderes islâmico e cristão, facto esse que se reflete no registo arqueológico, numa complexa sucessão estratigráfica (Araújo, 2013, p. 14-15).

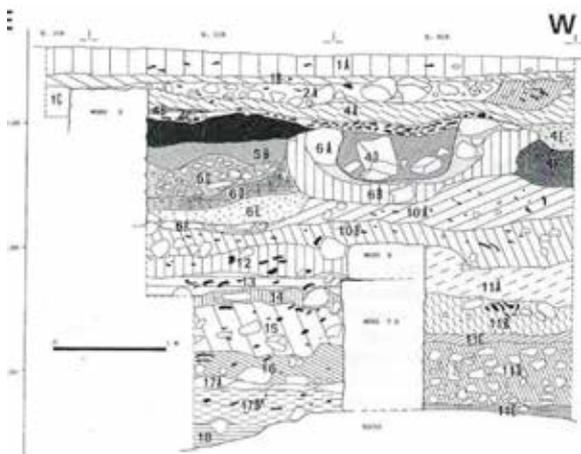
O PERÍODO EMIRAL

O período emiral na galeria 5 do castelo de Palmela consiste nas U.E. 19, 18, 17B, 17A e 16, sendo de destacar esta última por dela provir cerca de 80% do espólio atribuído a este período (*ibidem*, p. 93), além de ter sido obtida uma datação por radiocarbono (C14) que apontou para um espaço cronológico entre 773 e 978 cal AD, com intersecção em 883 cal AD (Fernandes, 2004, p. 101).

Do ponto de vista técnico é de destacar a presença de uma percentagem significativa de peças produzidas em fabricos grosseiros (fabrico I), algo que vai ao encontro do que se verifica um pouco por todos os arqueossítios islâmicos que registam percentagens semelhantes destes fabricos nas fases iniciais da ocupação islâmica (Araújo, 2013, p. 94). Interessa destacar, aqui, a identificação de um fragmento cuja pasta se enquadra nestas

Unidade Estratigráfica	Século	Fase de ocupação
19; 18	VIII	Período emiral
17B; 17 ^a	VIII – IX	
16	IX – início do X	
15	Primeira metade do X	Período califal
14; 11B; 11A	Segunda metade do X	
13	Final do X – início do XI	
12	Primeira metade do XI	Período dos reinos Taifas
10C; 10B; 10A; 9	XI	
8B; 8; 7B; 7	Final do XI – início do XII	Final da ocupação islâmica
6E; 6; 5A; 5	XII	

3. Quadro representativo do esquema crono-estratigráfico da galeria 5 do castelo de Palmela



4. Corte estratigráfico E – W da galeria 5 (Fernandes, 2004, p. 97).

características e que apresenta vestígios de um vidro igualmente grosseiro, algo que poderá apontar para um fenómeno em que convivem técnicas de tradição autóctone, pré-islâmica, aliadas a técnicas exógenas (Fernandes, 2004, p. 190). Por outro lado, verifica-se uma elevada presença de fabricos cuidados e produções exógenas (18,3%). Contudo, é necessário referir que esse panorama é mais notório na U.E. 16, atribuída ao final do período emiral, ou seja, numa fase em que, certamente, a ocupação do território já se encontrava mais consolidada.

Do ponto de vista formal e tipológico existem, sem dúvida, alguns tipos que marcam a fase inicial da ocupação islâmica. No que respeita às panelas, são de destacar os tipos 1A, 1B e 1C, que consistem em panelas de bordo tendencialmente extrovertido e lábio boleado, produzidas, grosso modo, em pastas grosseiras, manualmente ou a torno lento. São tipos que testemunham os traços de continuidade cultural entre o Baixo Império/Antiguidade Tardia e as primeiras fases de ocupação islâmica do sítio. As caçoilas representam, igualmente, esses traços de continuidade, sendo de destacar os tipos 3A e 3B.

Muito características deste período são também as tigelas 5A e a jarrinha 8A, que se assume como um novo tipo, possivelmente herdeiro de formas mais antigas de púcaros, mas com uma morfologia bastante diferenciada e assumindo uma identidade islâmica bem marcada. As bilhas e os cântaros típicos desta fase, tipos 11B, 14A e 14B, caracterizam-se por possuírem bordos extrovertidos com lábios com secção triangular e tendem a ir rareando ao longo dos períodos seguintes (Araújo, 2013, p. 94-95).

Trata-se, portanto, de um período marcado por fortes traços de continuidade cultural para com o período anterior, sobretudo nos estratos mais antigos, a partir dos quais, gradualmente, vão surgindo novas formas e tipos que demonstram uma consolidação gradual da ocupação do espaço.

O PERÍODO CALIFAL

O período califal na galeria 5 é constituído pelas U.E. 15, 14, 13, 11B e 11A. Verifica-se a manutenção do domínio de fabricos de cerâmica comum, contudo, assiste-se a um forte decréscimo das produções manuais ou a torno lento, com cozeduras reductoras, verificando-se, inversamente, um forte incremento de fabricos mais cuidados (30,6%), mantendo-se a percentagem de produções exógenas (18,3%) (Araújo, 2013, p. 96). Este panorama apresenta-se como um claro sinal da maior sofisticação cultural atingida neste período, em relação ao período anterior.

Do ponto de vista formal e tipológico, e no que respeita às panelas, são de destacar os tipos 1D e 1E. O tipo 1D assume a preponderância entre as panelas durante quase todo o período califal e a panela 1E vai crescendo, gradualmente, em importância, ultrapassando o tipo 1D na transição para o século XI. Em relação às caçoilas, destaca-se o tipo 3D, o mais comum ao longo de todo o período califal.

PERÍODO EMIRAL			
SÉCULOS	PANELAS	CAÇOILAS	CAÇOILAS - TIGELAS
VIII			
IX			
			
X			



5. Panelas, caçoilas e caçoilas-tigelas do período emiral.

PERÍODO EMIRAL			
SÉCULOS	JARRINHAS	BILHAS	CÂNTAROS
VIII			
IX			
			
X			



6. Jarrinhas, bilhas e cântaros do período emiral.

As tigelas consolidam a sua presença no conjunto cerâmico deste período, sobretudo os tipos 5A e 5B, apresentando fabricos muito mais cuidados, em pastas claras e, não poucas vezes, com superfícies vidradas. As jarrinhas mantêm alguma importância, destacando-se os tipos 8B e, sobretudo, o tipo 8C, que se diferencia dos anteriores por apresentar um bordo ligeiramente introvertido com lábio tendencialmente biselado no lado interno.

No início do período califal, as bilhas ainda apresentam o bordo extrovertido com lábio de secção triangular. Contudo, essa característica tende a esbater-se ao longo desta fase. Quanto aos cântaros, começam a surgir os cântaros com bordos de secção amendoada, destacando-se o tipo 14C (Araújo, 2013, p. 96).

Este período apresenta uma maior diversidade tipológica em relação ao anterior, apesar de se verificarem alguns traços de continuidade em certas formas. Trata-se, portanto, de uma fase de consolidação da ocupação do espaço, onde os tipos de tradição baixo-imperial são muitíssimo menos frequentes e a percentagem de fabricos atribuídos a produções mais cuidadas e importações aumenta significativamente, sendo esta, justamente, a fase em que estes apresentam as mais altas percentagens na totalidade do conjunto. Interessa fazer uma especial referência à U.E. 13 pela representatividade de fabricos cuidados, importados, assim como ao elevado número de peças vidradas, estratigraficamente associadas a avultados vestígios de estuque (Fernandes, 2004, p. 99). Poder-se-ão, facilmente, interpretar tais dados como um momento de clara prosperidade económica que vem reforçar a ideia de uma tendência de consolidação da ocupação deste espaço, certamente relacionada com a relativa unidade territorial atingida durante o califado omíada.

O PERÍODO DOS REINOS TAIFAS

Neste período incluem-se as U.E. 12, 10B, 10A, 10 e 9, destacando-se a U.E. 10B por ser aquela que apresenta a maior quantidade de materiais e por, também nela, se ter obtido uma datação por radiocarbono (C14), que apontou para um espaço cronológico entre 1013 e 1042 cal AD, com intersecção em 1025 cal AD (Araújo, 2013, p. 101). Do ponto de vista técnico, os fabricos mais representados são os atribuídos à cerâmica comum, sendo a percentagem de produções mais grosseiras diminuta. Apesar de cronologicamente ser um período bem mais circunscrito que os anteriores, é aquele que, inversamente, apresenta a maior percentagem, quer do número total de fragmentos, quer do número total de peças, indicando uma intensa ocupação do espaço. Assim sendo, apresenta-se facilmente compreensível e expectável o elevado grau de diversidade formal e tipológica que caracteriza o conjunto cerâmico desta fase. Contudo, na análise total dos fabricos para o período dos reinos Taifas, constata-se que a percentagem de peças produzidas em pastas depuradas é significativamente inferior à registada para o período califal (24,1%), panorama esse que se vê reforçado quando se constata que, na mesma linha, a percentagem de fabricos atribuíveis a produções exógenas também é inferior (12,6%) (Araújo, 2013, p. 98). Este cenário parece

indicar um período em que se verificam maiores dificuldades de acesso aos principais centros produtores do Sul peninsular, podendo, ou não, este facto estar relacionado com a perda de algum poder económico.

O período das taifas no castelo de Palmela destaca-se por ver surgir um conjunto significativo de novos tipos formais, desta feita característicos dos séculos XI e XII. Destacam-se as painéis 1F, 1H e 1I, que começam a surgir, em simultâneo, na U.E. 12. Também nas caçoilas verificam-se algumas modificações formais, sobretudo com o surgimento de corpos maioritariamente carenados, testemunhados pelas caçoilas 3F e 3J. De entre as caçoilas/tigelas, destaca-se o tipo 4H que surge, também, nesta fase, com um domínio total das formas abertas, sendo, também ele, um tipo característico dos séculos XI e XII, muito comum não só nos vales do Tejo e do Sado, mas também um pouco por todo o *Gharb al-Andalus*.

O grupo de louça de mesa vê surgir um novo tipo de tigela que marca esta nova fase cultural: a tigela 5D. Este tipo apresenta um característico corpo carenado e passa, em conjunto com o tipo 5C, a dominar o grupo das tigelas nos conjuntos atribuídos aos reinos Taifas. Surge, ainda, um novo tipo de jarrinha, a 8D, que prevalece no conjunto das formas fechadas de louça de mesa. Para outras formas, os cântaros mantêm um relevo constante neste período, sobretudo o tipo 14D, possivelmente uma versão evoluída do cântaro 14C, típico do período califal (Araújo, 2013, p. 97).

O período dos reinos Taifas apresenta um conjunto assaz interessante do ponto de vista formal e tipológico. Mais extenso e diverso, este conjunto permite descortinar um período de intenso dinamismo económico apesar de uma diminuição da intensidade de trocas comerciais com o exterior. Culturalmente é um período que marca a diferença em relação aos anteriores com o surgimento, em simultâneo, de vários novos tipos, que se replicam um pouco por todos os sítios do *Gharb al-Andalus*, evidenciando, muito possivelmente, uma elevado nível de «regionalização cultural».

A FASE FINAL DA OCUPAÇÃO ISLÂMICA

A fase final da ocupação islâmica encontra-se atestada nas U.E. 8, 7, 6G, 6E, 6D, 6C, 6A, 5A e 5. O elevado número de U.E., associado a um relativamente baixo número total de peças justifica-se com o elevado grau de revolvimento destes níveis, possivelmente resultante de processos pós-deposicionais.

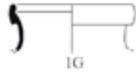
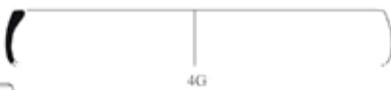
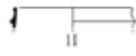
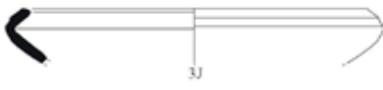
No que respeita aos fabricos, verifica-se, igualmente, um domínio da cerâmica comum, sendo curioso constatar um ligeiro acréscimo percentual de peças correspondentes a fabricos cuidados (28,8%) e produções exógenas (16%), quando comparados com o período dos reinos Taifas. Estes dados poderão evidenciar uma ligeira retoma das trocas comerciais de longa distância. De entre as formas mais comuns neste período destacam-se os tipos que se definem como uma continuidade em relação à fase anterior. No grupo das painéis é de destacar a continuidade comprovada pelos tipos, 1F, 1H e 1I, típicos dos séculos XI e XII, e no grupo das ca-

PERÍODO CALIFAL			
SÉCULOS	PANELAS	CAÇOILAS	CAÇOILAS - TIGELAS
X			
XI			

7. Panelas, caçoilas e caçoilas-tigelas do período califal.

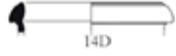
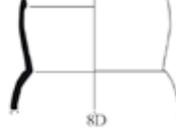
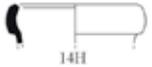
PERÍODO CALIFAL				
SÉCULOS	TIGELAS	JARRINHAS	BILHAS	CÂNTAROS
X				
XI				

8. Tigelas, jarrinhas, bilhas e cântaros do período califal.

PERÍODO DAS TAIFAS E FINAL DA OCUPAÇÃO ISLÂMICA			
SÉCULOS	PANELAS	CAÇOILAS	CAÇOILAS - TIGELAS
XI			
			
			
			
			
XII			



9. Panelas, caçoilas e caçoilas-tigelas do período das Taifas e do final da ocupação islâmica.

PERÍODO DAS TAIFAS E FINAL DA OCUPAÇÃO ISLÂMICA				
SÉCULOS	TIGELAS	JARRINHAS	BILHAS	CÂNTAROS
XI				
				
				
XII				
				



10. Tigelas, jarrinhas, bilhas e cântaros do período das Taifas e do final da ocupação islâmica.

coilas/tigelas e tigelas a prevalência dos tipos 4H e 5D, respetivamente. A jarrinha 8D mantém-se como a única sobrevivente e assiste-se a um incremento da importância dos cântaros, destacando-se o surgimento de alguns novos tipos, muito pouco representativos, que surgem, justamente, nesta fase final da ocupação islâmica e que parecem evidenciar, embora de uma forma ténue, algumas inovações (Araújo, 2013, p. 98-99).

Esta fase é, como já foi referido, uma fase estratigraficamente pouco fiável que, apesar de tudo, permite traçar uma linha cultural muito própria, embora não totalmente definida. A identificação de algumas cerâmicas cristãs nas U.E. atribuídas a este período é uma prova dessa individualidade. Por um lado, é certo que algumas dessas peças «cristãs» poderão corresponder a intrusões resultantes de acções pós-deposicionais. Por outro, a presença dessas mesmas peças poderá refletir interessantes fenómenos de interculturalidade, na medida em que a fronteira entre o Norte cristão e o Sul islâmico vai, progressivamente, aproximando-se da região de Palmela. Os novos tipos de cântaros que surgem neste período poderão ser indicadores desses possíveis fenómenos de interculturalidade. Contudo, a reduzida dimensão do conjunto e o baixo grau de fiabilidade estratigráfica, não permitem conclusões mais ambiciosas.

CONCLUSÕES GERAIS

O conjunto de cerâmica islâmica da galeria 5 do castelo de Palmela caracteriza-se, no geral, por apresentar uma grande variedade formal e tipológica, que evidencia um ambiente economicamente próspero e culturalmente dinâmico. A proximidade de Palmela em relação a importantes centros urbanos como Alcácer do Sal e, sobretudo, Lisboa poderá justificar esse dinamismo cultural. O estudo realizado permitiu concluir que pelo menos a partir do final do século IX se verifica um ambiente relativamente próspero, com as produções importadas a assumirem, desde logo, um papel de relevo dentro dos conjuntos, um panorama que não é comum em muitos arqueossítios islâmicos de cariz rural com cronologias assim tão recuadas. Pelo contrário, a identificação de um grupo considerável de cerâmicas vidradas na transição entre as fases emiral e califal encontra-se em li-

nha com outras realidades culturais aferidas em sítios de carácter mais urbano (Araújo, 2013, p. 100). As percentagens de fabricos finos e/ou importados crescem visivelmente durante o período califal, sobretudo no final do século X e início do XI, revelando um panorama sem precedentes no sítio em questão.

Os estudos sobre conjuntos cerâmicos islâmicos realizados em vários sítios arqueológicos tendem a refletir a existência de duas realidades culturais gerais: a cerâmica omíada, característica do Emirado, Califado e das primeiras Taifas; e a cerâmica dos períodos africanos, característica dos Impérios Almorávida e Almóada. Contudo, essa demarcação tão clara não foi possível estabelecer no conjunto aqui estudado, pois as presenças almorávida e, sobretudo, almóada, são efêmeras no castelo de Palmela.

O principal momento de mudança cultural no seio da ocupação islâmica dá-se, efetivamente, na transição do Califado para os reinos Taifas. Nesse momento, correspondente à U.E. 12, surgem novos tipos que definem uma nova realidade. Apesar dessa mudança, a verdade é que também se assiste a fortes vínculos de continuidade cultural, atestados pela existência de tipos de longa diacronia, como é o caso das painéis 1D, 1E, da caçoila 3D, da tigela 5B e das jarrinhas 8B e 8C.

Do ponto de vista da integração do conjunto na região onde se insere, logo nos séculos IX/X, surgem tipos que comprovam a existência de afinidades culturais. A existência de paralelos tipológicos entre Palmela e outros sítios como o castelo de Povos, em Vila Franca de Xira, e o castelo dos Mouros, em Sintra, embora ténue, evidencia relações culturais que, embora prematuras, começam a insinuar uma nova realidade, significativamente interconectada entre si. A partir do século XI a ligação entre os diferentes espaços dos vales do Tejo e Sado torna-se flagrante. Os paralelos tipológicos multiplicam-se exponencialmente, sendo interessante assinalar a especial relação de proximidade visível com os materiais de Lisboa e Santarém. Ao longo do século XI, Palmela ter-se-á assumido como um sítio em franco crescimento, um antigo *hisn* rural que caminha a passos largos para um sistema económico, social e cultural cada vez mais complexo, aproximando-se dos de carácter urbano.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, J. (2013) – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Mestrado).
- BAZZANA, A. (1979) – Céramiques Médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de L'Espagne Orientale. In *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Tome 15, p. 135-185.
- BUGALHÃO, J.; CATARINO, H.; CAVACO, S.; COVANEIRO, J.; FERNANDES, I.; GOMES, A.; GOMEZ MARTINEZ, S.; GONÇALVES, M.; GRANGE, M.; INACIO, I.; LOPES, G.; SANTOS, C. (2010) – CIGA: projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Andalus. *Xelb*, n.º 10, p. 455-476.
- COELHO, A. (1972) – *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. 2. Lisboa: Seara Nova.
- CATARINO, H. (1997/1998) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. *Al-'ulyā. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 6. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- FERNANDES, I. (2004) – *O castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Palmela: Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (1999) – Elementos para o Estudo da Ruralidade Muçulmana na Região de Palmela. In BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P., eds., *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular*, Tomo IV. Zamora: Fundación Rei Alfonso Henriques, p. 517-526.
- RIBEIRO, O. (2004) – *A Arrábida – esboço geográfico*. Sesimbra: Fundação Oriente, Câmara Municipal de Sesimbra.
- ROSSELLÓ-BORDOY, G. (1978) – *Ensayo de sistematización de la Cerámica Árabe de Mallorca*. Palma de Mallorca: Diputación Provincial de Baleares, Instituto de Estudios Baleáricos, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ROSSELLÓ-BORDOY, G. (1991) – *El nombre de las cosas en Al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Museo de Mallorca, Societat Arqueològica Lul-liana.
- STIENSTRA, P. (1986) – Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery – some basic methods. *Newsletter. Department of Pottery Technology (University of Leiden)*, 4, p. 28-48.
- TORRES, C.; GÓMEZ, S.; FERREIRA, M. (2003) – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In ABRAÇOS, H.; DIOGO, J., coords., *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 125-134.